

## A LITERATURA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO PARANÁ DOS ANOS 30

Wilma de Lara Bueno / UTP

As relações femininas com o mundo da leitura e da escrita têm sido objeto de estudo dos trabalhos historiográficos contemporâneos. As pesquisas revelam que desde meados do século XIX, as mulheres participaram intensamente da produção literária, desenhando trajetórias particulares, mesclando experiências de vida com temáticas que palpitavam na vida social e nacional. O acesso feminino ao mundo das letras despertou o olhar para assuntos diversos que rondavam as cenas cotidianas das mulheres e possibilitou a abordagem de estudos interdisciplinares. Temáticas antes excluídas do discurso historiográfico – tais como amor, sexualidade, educação, religiosidade e sentimentos – passaram a figurar no campo da História, bem como nos estudos sociológicos e antropológicos, no sentido de dar voz ao público feminino, como também de mapear novos quadros históricos da formação dos sentimentos ou de um modo de ver e sentir o mundo. A historiografia recente também vem se preocupando em desvelar os mecanismos que foram e são empregados para forjar determinadas atitudes, revertendo-as de significados que lhes instituem o sentido de verdades. Nos estudos das mulheres, essa abordagem torna-se significativa à medida que busca situá-las em relação aos desafios de seu tempo e às alternativas que encontraram para expressar suas idéias e vivências.<sup>1</sup>

A pesquisa realizada junto a um seletor público feminino no Paraná, nas primeiras décadas do século XX, mostra-nos que um grande número de mulheres participou do movimento de produção literária, expressando idéias e visões de mundo em forma de poemas. O estudo das obras literárias como fontes históricas revelou que a poesia tornou-se uma forma de expressão de mulheres, procedentes de vários setores da sociedade paranaense. Contudo, uma grande maioria vinculava-se às famílias tradicionais e à intelectualidade regional, o que lhes assegurava apoio e reconhecimento.

Participar dos programas culturais como parte da modernização dos centros urbanos, em meados dos anos 30, revelou-se um hábito extremamente atraente para grupos de mulheres que acompanhavam as conquistas de novo lugar destinado ao público feminino. O ponto de partida para essas supostas mudanças talvez tenha sido o ingresso delas nas primeiras escolas

de formação de professores, ainda no final do século XIX. Exercer o magistério tornou-se apropriado às mulheres, uma vez que esta função somava-se às concepções da época acerca do papel da mulher, considerada responsável pela humanização da sociedade.<sup>2</sup> No entanto, atuando nesse campo de trabalho, elas também desenvolveram sua intelectualidade e se mostraram autoras de poesias, crônicas, ensaios, entre outras produções que marcaram a vida das escritoras do Paraná dos anos 30. Assim, nesse período, encontramos um grande número de escritoras que participava dos jornais e revistas; freqüentava recitais; concedia entrevistas e comparecia às palestras, expressando opiniões sobre temas polêmicos, tais como o divórcio, o trabalho público, a autonomia feminina e o papel da mulher na sociedade moderna.

A presença e a participação feminina, para além “das soleiras do lar”, ganhavam notoriedade, inclusive do público masculino. No entanto, esse reconhecimento se fez sob o signo do progresso e da modernização das cidades. Ou seja, elas eram bem vindas à participação na vida pública das cidades, mas para romper com a condição de atraso e de ignorância que incomodava as autoridades daquela época. Nessa perspectiva, de acordo com os dados da pesquisa realizada, o ingresso das mulheres paranaenses no campo da intelectualidade se fez sob o amparo masculino, à medida que se inseriam nos lugares a elas destinados, sem alterar a ordem estabelecida.

Entre as autoras que expressaram idéias acerca das conquistas femininas daquela época cita-se Mariana COELHO, considerada, ao lado de Bertha LUTZ, uma das intelectuais mais atuantes em prol dos direitos da mulher. Em sua obra “A evolução do feminismo”<sup>3</sup> a autora recupera a história da mulher, denunciando as arbitrariedades a elas cometidas em vários campos da vida humana no contexto do mundo ocidental. Ainda que contraditória em alguns aspectos – pois a autora não propõe mudança na esfera social – sua obra pode ser considerada um dos estudos clássicos do pensamento feminino no início do século passado. Na introdução da referida obra, COELHO apresenta um quadro analítico do papel da mulher no contexto da modernização da sociedade nas primeiras décadas do século XX:

Vivemos há muito da nossa modesta e nobre missão do ensino; não temos, portanto, com a elaboração do nosso presente livro, absolutamente, em mira, a posse e fruição de direitos políticos e profissões masculinas – isto é, administrativas. A nossa efusiva adesão relativa às aspirações femininas representa, apenas, repetimos, o nosso muito natural desejo de prestar um serviço que vá ao encontro da justa causa que defendemos. Além disso, comove-nos até a admiração, a constante luta sem desânimos nem esmorecimentos, que abalizadas feministas – as representantes do feminismo – sustentam não somente para conseguir os direitos civis e políticos ambicionados, mas também e, principalmente, promover o aperfeiçoamento moral da humanidade (COELHO, 2003, p. 34).

E continua:

Além de tudo, as feministas, nas suas aspirações, não pensam, absolutamente, no absurdo de suplantar o sexo masculino; elas querem, pelo contrário, a igualdade sexual para melhor provarem as qualidades de uma mais condigna companheira nos grandes surtos morais e sociais que devem transformar o mundo (COELHO, 2003, p. 35).

A visão da autora surpreende à medida que assegurava não transpor a ordem instituída, mas acomodar-se aos papéis a elas destinados. Essas concepções eram compartilhadas por outras mulheres que constituíram o Centro Paranaense Feminino de Cultura, entidade fundada na cidade de Curitiba, em dezembro de 1933. O Centro tinha como finalidade a atualização feminina, atendendo às exigências dos projetos políticos daquele tempo, que pressupunham a formação cultural da mulher nos temas que palpitavam a opinião pública. Conforme afirmamos, à mulher era indispensável uma consistente formação no sentido de eliminar os resquícios da ignorância que podiam manchar o progresso da nação. Nessas intenções, no Centro Paranaense Feminino de Cultura, as sócias participavam de grupos de estudos temáticos, freqüentavam conferências, aprofundavam seus conhecimentos gerais e constituíam uma biblioteca onde reuniram obras clássicas especialmente voltadas para o público feminino. Uma consulta ao “Livros de Retiradas” da biblioteca nos fornece uma idéia das obras que elas liam, entre romances, biografias e obras de conhecimentos gerais. Nos recitais, que também marcavam eventuais encontros literários, as mulheres compareciam e apresentavam suas produções poéticas, muito apreciadas por um público constituído por homens, mulheres, intelectuais e representantes das tradicionais famílias paranaenses.

Assim, a iniciativa de fundar um centro cultural feminino paranaense contou com o apoio do Governado do Estado, Sr. Manoel Ribas (1932-1945) que reservou um espaço para sediar o respectivo Centro nas instalações do governo, até que a construção da sede própria fosse efetivada. Ao receber a incumbência de fundar um centro que agregaria mulheres para atender à formação intelectual, artística e esportiva das representantes do público feminino as fundadoras afirmavam:

A Sociedade Paranaense de Cultura Feminina está sendo constituída de modo a desenvolver uma alta cultura capaz de servir de núcleo de irradiação intelectual e de elemento coordenador da mulher conterrânea. E tudo isso sem política, sem idéias impróprias e extravagantes, procurando-se apenas congregiar os nossos elementos femininos para uma cruzada nobilitante da formação psíquica e social da mulher (LIVRO DE OURO DO CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA, 1933, p. 2).

E a seguir reforçavam:

O nosso centro não se propõe a realizações incompatíveis com o temperamento e a índole da mulher paranaense. Queremos, principalmente, dirigir as nossas atenções para umas tantas funções, sobretudo no terreno da educação e da família, que não podem e não devem ser descuradas, sob pena de falsear nossas finalidades” (LIVRO DE OURO DO CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA, 1933, p. 3).

Essas afirmativas confirmavam a demarcação das funções sociais entre homens e mulheres, em se tratando dos negócios públicos e da formação de opiniões ou críticas. Elas também desmistificam que naquele momento as mulheres pudessem ter tido uma atitude revolucionária ou de radical transformação. Na sua maioria, as fundadoras compactuavam com as iniciativas masculinas, inserido-se nos lugares a elas destinados, aceitando o modelo hegemônico masculino. É possível que fizessem uso de uma forma elegante, munido-se de concórdia como instrumento político para ascender à vida pública e participar efetivamente da gestão da cidade, conciliando papéis que lhes possibilitassem concessões. O refinamento dos gestos e a troca de gentilezas estão nos documentos escritos, revelando reciprocidade de cordialidades, para que se evitassem confrontos e tensões decorrentes das mais recentes conquistas femininas.

Nessas circunstâncias, o quadro de valores instituídos e pensados para as mulheres dos anos 30 pouco avançou sobre aquele que se pronunciava no final do século XIX. Ainda que entre as fundadoras estivessem estudantes dos cursos de Medicina e Direito e participassem de projetos de assistência social em acordo com as políticas públicas de modernização do Estado, suas funções vinculavam-se a cumprir um programa de “reconstrução moral da sociedade, a moderna ciência da Eugenia, posta em ação para conseguir a sublime cura de todas as chagas que atingem a alma humana” (LIVRO DE OURO DO CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA, 1933, p. 35-36).

Em 1953, por ocasião dos festejos do Centenário da Emancipação Política do Paraná, foi lançada pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura a obra “Um século de poesia”, que reuniu a produção literária de, aproximadamente, 42 mulheres, a maioria procedente de cidades paranaenses, como Ponta Grossa, Paranaguá, Curitiba, Castro, bem como algumas representantes estrangeiras.

As organizadoras desta obra tiveram o cuidado de apresentar dados biográficos das poetisas, bem como situar, cronologicamente, a produção literária das escritoras. O estudo destes dados fornece um perfil das mulheres que se dedicavam à escrita, particularmente à poesia. De maneira geral, como já foi afirmado, cinquenta por cento das poetisas da obra citada freqüentaram escolas de formação de magistério, em Curitiba e em outras cidades, exercendo a função de professoras; algumas se tornaram inspetoras de ensino; uma grande parte delas apresentava talentos artísticos, notadamente para a música e pintura; muitas eram procedentes das tradicionais famílias paranaenses, distinguindo-se por laços de parentescos com personalidades do meio intelectual.

Os dados biográficos destacam aspectos da vida destas mulheres vinculados a talentos artísticos, habilidades múltiplas, afetividades e sentimentos, revelando em alguns casos, uma certa tendência à melancolia e tristeza, o que também se configuram em seus poemas. As mulheres poetas eram moças de comportamento exemplar, como esposas, filhas ou atuantes na sociedade em transformação, participando do movimento feminista na luta pelos direitos da mulher e pelo seu ingresso na sociedade. Na esfera política, destacaram-se Rosy Pinheiro Lima que, em 1947, tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de deputada estadual e Florentina Vitel que, em 1934, teve seu nome indicado para concorrer ao cargo de deputada estadual.

Poucos poemas revelam olhares mais críticos em relação à sociedade da época. Como referência desse gênero, cita-se Ilnah SECUNDINO, intelectual atuante e fundadora do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Ela ocupou a presidência deste Centro, publicou poemas em várias revistas de circulação na cidade, participou intensamente dos jornais, concedendo entrevistas que exigiam a opinião feminina. Suas poesias foram reunidas em três grupos temáticos, denominados “Quando o sol surge no Oriente”, com publicação em 1934; “Vozes da Cidade”, em 1935 e Missanga, em 1937. O poema proletário faz parte do primeiro grupo:

Ecoam os silvos prolongados,  
as chaminés expelem rolos de fumaça.  
Passam os operários  
homens humildes  
de têmperas rijas, nervos de aço.  
Homens de cérebros vários,  
filhos da era vertiginosa,  
obreiros incansáveis do progresso  
feitos à custa do seu suor e sacrifício,  
homens que se batem contra a fome,

que pejem e às vezes são vencidos  
por outro mal ainda maior: O vício  
o meu voto de fé por esses homens-máquinas  
de fainas cotidianas  
heróis sem nome  
das misérias diárias, das tragédias urbanas (...)

Heróis heróicos das cidades-frêmitos,  
homens que vivem o drama dos vencidos  
dentro da vida febril das oficinas.  
Quantos e quantos ais ficarão abafados  
no crepitar das fornalhas ardentes  
no rumor incessante das turbinas. ( SECUNDINO, 1953, p. 227)

De uma certa forma, Ilnah não deixa de ler a vida do operário, demonstrando sensibilidade com sua sorte e preocupação com o vício, possivelmente o alcoolismo, bandeira de luta das feministas, na perspectiva de humanização da sociedade. A poeta também reconhece o drama/conflito das metrópoles com a exclusão social e o anonimato dos obreiros das cidades que se esboçavam modernas. Possivelmente o poema testemunha ainda o início da industrialização do Paraná, quando as “chaminés [expeliam fumaça]” e os homens [viviam] o drama da “vida febril das oficinas”.

Já em “Vozes da cidade”, a escritora saúda a cidade de Curitiba descrevendo cenas da vida cotidiana:

A cidade toda é uma tela doirada  
Cada rua, cada casa, cada árvore  
Um pomo louro,  
Como se o sol, que acaba de surgir,  
Estivesse derramando sobre a Terra  
Uma grande ânfora de ouro! ( SECUNDINO, 1953, p. 229)

O poema conjuga-se a outras fontes que sinalizam para Curitiba como a cidade hospitaleira, onde todas as raças encontram espaço para se estabelecer: “Qué compra paia, mio, fijen, batata doce? Doces são seus olhos, italianinha! Doce são seus lábios; é a sua fala musicada que faz pensar num pedaço da Itália lá distante. A Itália que na alma dos seus vive sempre lembrada”. Preserva ainda tipos urbanos característicos desta cidade, por exemplo, o dolezeiro, o árabe das meias; o vendedor de pastéis e de bala “ Baalê...iro! Bala de Côco! Quem não experimentar fica loco”. O que oferece bilhete de loterias “Olhe o último pedacinho! Arrisque, corre hoje”. As crianças que fazem roda e cantam quando chega a noite “Senhora D. Sancha, coberta de ouro e prata descubra seu rostinho”, ou as serenatas dos jovens enamorados entrecruzadas pelo grito do jornaleiro a anunciar “Diário da Noite”.

Na terceira coletânea de poemas, Ilnah aborda temas sobre a mulher que deseja liberdade de viver:

Revelação  
Meus lábios estão cheios de coisas para dizer.  
Minha alma está cheia de sonhos para viver.  
E imagino o que seria  
Se eu gritasse bem alto meus pensamentos  
Cheios de vibrações estranhas. (SECUNDINO, 1953, p. 234)

Exemplos como esse último foram apresentados por outras mulheres escritoras, expondo nas entrelinhas o desejo de liberdade ou quem sabe a angústia aprisionada pela submissão a um perfil desenhado como modelo do “ser mulher” naquela época:

Conselhos  
Se, num rito de dor, teu rosto se transmuda  
da expressão natural de impassibilidade,  
busca dissimular teu sofrimento, estuda  
o modo de ocultar tua infelicidade

Não proclames a dor que o sorriso te muda  
em pranto ardente; não atendas à piedade  
dos que consolação procuram dar-te. Iluda  
a sua compaixão, tua força de vontade.

Guarda contigo mesma as lágrimas, querida  
não as mostres jamais, contêm-nas, se possível  
e ostenta à hipocrisia um semblante impassível

Seja a glória maior que te exalte a vida,  
essa de seres sempre altiva e superior,  
mostrando ser feliz dentro da própria dor! (MACAGGI, 1953, p. 184)

Ada MACAGGI foi também reconhecida por suas obras, assim como outras escritoras paranaenses daquele tempo. Seu livro de poesia – amplamente divulgado nos jornais – e seu ingresso no mundo oficial das letras mereceram destaque de um grande acontecimento: “Ada Macaggi, a jovem, delicada e emocional poetisa, que dentro em breve nos dará o seu primeiro livro de versos ‘Vozes Ephemeras’, vai realizar no próximo dia 11 do corrente, no Theatro Guairá, o seu recital de declamação”.<sup>4</sup> E na continuidade, o mesmo jornal publicava: “Acaba de ser posto à venda, nas livrarias desta capital, o livro *de estréia* da poetisa paranaense Ada Macaggi. ‘Vozes Ephemeras’ é um suave e delicioso cantar de cigarra que encerrou nos poemas novos de forma, de harmonia, de ritmo, toda a beleza (...) palpitante da mocidade”.<sup>5</sup>

O estudo temático de seus vários poemas nos mostra os sentimentos como parte essencial dos versos, transparecendo nostalgia, angústia, sonhos e também frustrações. Por vezes, os poemas assemelham-se a desabafos, possivelmente decorrente das contradições do tempo em que elas viviam. Ainda que as mulheres avançassem em suas conquistas no mundo das letras e no domínio do saber científico suas produções coadunavam-se com o modelo feminino pensado como clássico também para as mulheres dos anos 30.<sup>6</sup>

Essa constatação não elimina que entre os poemas das escritoras estudadas, também se privilegiassem aspectos da cultura geral, bem como sentimentos religiosos, noções de civismo e de júbilo pelas belezas regionais. Constata-se assim, o compromisso das escritoras em expressar visões e idéias temáticas acerca das polêmicas que marcavam a vida sociocultural daquela época.

Neste breve artigo, expressa-se uma perspectiva de se trabalhar os poemas como possibilidade de se conhecer o pensamento feminino, num tempo em que as mulheres escritoras ainda eram uma minoria e ousavam expressar suas idéias permeadas pelos códigos instituídos socialmente. Suas ambições e ousadias mais secretas podem ser perscrutadas nas entrelinhas de seus versos, os quais, lentamente, vêm se tornando um campo fértil para a construção de sua história. Em termos teórico-metodológicos configuram-se aproximações entre História e Literatura e, particularmente, no que se refere a relações de gênero, viabilizam-se as possibilidades de leitura dos poemas como expressão de um modo de ser feminino que foi marcante na trajetória de um grupo de mulheres na primeira metade do século XX.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> Os estudos das relações de gênero são múltiplos e nos mostram que os sentimentos femininos foram moldados pelos contextos socioculturais, idealizando-se a natureza feminina como sendo destituída das mesmas potencialidades masculinas. As leituras de Michel de Foucault e de historiadoras que integram as linhas teóricas da desconstrução dos discursos revelaram essas possibilidades e as interações entre o público masculino e feminino que permitiram a incorporação dessas versões por determinadas sociedades. Ver SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992; ver também SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, v. 16, jul/dez., 1990; PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

<sup>2</sup> BUENO, Wilma de Lara. Educação das moças na cidade de Curitiba: 1930-1947. In: VECHIA, Ariclê; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. **A escola secundária**. São Paulo: Anna Blume, 2003.

<sup>3</sup> COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para sua história**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2003.



---

<sup>4</sup> MACAGGI, Ada, **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1927, p. 5.

<sup>5</sup> O LIVRO de Ada Macaggi, **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1927, p. 1.

<sup>6</sup> O estudo das conquistas femininas na primeira metade do século XX nos revela que o papel das mulheres no mundo do trabalho e das letras oscilava entre a herança do final do século XIX e as mudanças que se efetivavam no contexto das Guerras Mundiais. Como sabemos, a saída dos chefes de famílias para os campos de batalhas exigiu que as mulheres assumissem os vários ramos de trabalho, inclusive a indústria bélica. Esse efetivo deslocamento feminino para o mundo do trabalho provocou profundas transformações, sendo que elas experimentaram a autonomia e gerência da vida social na sua totalidade. No entanto, o período do entre-guerras e as constantes crises de desemprego repercutiram nessas conquistas, à medida que elas representavam uma ameaça ao público masculino. Os homens também voltavam da guerra aclamados como heróis que lutaram pela família e pela nação. Assim, as conquistas feministas, anunciadas no início do século XX, conviveram com as contradições que impeliram as mulheres no retorno à família e às tarefas caseiras. Essa visão foi sustentada pelas autoridades políticas e governantes que criaram estratégias para assegurar às mulheres um lugar de acordo com seus projetos de modernização social. A elas caberia a função de manter a paz e humanizar a sociedade. Por conta dessas concepções as mulheres das tradicionais famílias se engajavam nos projetos de assistência social, educação e formação cultural.

#### FONTES

CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Livro de Ouro. Curitiba, 1933-1947.

CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Um século de Poesia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953.

GAZETA DO POVO. Curitiba: [ s. n.] p. 5, 1927.

GAZETA DO POVO. Curitiba: [ s. n.] p. 1, 1927.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BUENO, Wilma de Lara. Educação das moças na cidade de Curitiba: 1930-1947. In: VECHIA, Ariclê; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. **A escola secundária**. São Paulo: Anna Blume, 2003.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

HAYDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no império brasileiro**. São Paulo: Grijalbo, 1972.

MACAGGI, Ada. Vozes Ephemeras. In: CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Um século de poesia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

RAGO, Margareth Luiza. A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900-1923. In: Espaço Plural. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v. 14, 1994, n. 28, op. 28-44.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, v. 16, jul/dez., 1990.

SECUNDINO, Ilnah. Poema Proletário. In: CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Um século de poesia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953.

SECUNDINO, Ilnah. Vozes da Cidade. In: CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Um século de poesia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953.

---

SECUNDINO, Ilnah. Revelações. In: CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. Um século de poesia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1953.

TELLES, Norma. Escritora , escrituras, escrita. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes e Marias**: mulheres em Curitiba na primeira república. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.